

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agrobioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/06/2014 a 30/06/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
BIODIESEL	4
Produtora de biodiesel Biocapital tem perda de R\$ 37 milhões em 2013. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 10/06/2014	4
JBS avança no segmento de biodiesel no país e já exporta. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 30/06/2014	4
ETANOL	5
Usina Da Mata contrata R\$ 40 milhões no Prorenewa/BNDES. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 10/06/2014	5
Biosev estima moagem de 29 mi a 31,5 mi t de cana em 2014/15. Fabíola Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 11/06/2014	6
Odebrecht diminui os aportes em etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 13/06/2014	7
Produção de etanol atinge nível recorde, mas não ameniza crise do setor. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014	9
Relatório aponta redução de custos de produção no setor sucroenergético – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014	10
Energia do bagaço da cana-de-açúcar é subutilizada – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014	11
Produção de etanol atinge nível recorde, mas não ameniza crise do setor. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014	11
Açúcar barato reforça valor para energia a partir da cana, diz Czarnikow. David Brough – O Estado de São Paulo, Economia. 18/06/2014	12
Troca de gasolina por etanol em carros flex gera créditos de carbono – O Globo, Economia. 24/06/2014	13
Moagem de cana-de-açúcar cresce, mas seca preocupa usineiros – Folha de São Paulo, Cotidiano. 25/06/2014	14
Em crise, setor de etanol e açúcar procura diversificar produção. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Mercado. 26/06/2014	14
Clima favorece colheita de cana, mas amplia risco de quebra da produção. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 26/06/2014	16
Preço do etanol tem alta por preocupação com safra, diz Cepea. Fabíola Gomes – O Globo, Economia. 30/06/2014	16
POLÍTICA NACIONAL.....	17
BIODIESEL	17

Erasmus Carlos Battistella: A vez da economia verde – Folha de São Paulo, Opinião. 06/06/2014.....	17
ETANOL	18
Campos defende tributação diferenciada entre etanol e combustíveis fósseis. Eduardo Simões – O Globo, Brasil. 02/06/2014	18
Para produtores, mistura de etanol em 26% é surpresa. Gustavo Porto e Cleide Silva – O Estado de São Paulo, Economia. 18/06/2014.....	19
A crise do etanol. Editorial – O Estado de São Paulo, Opinião. 22/06/2014.....	20
Carvãozinho da cana. Xico Graziano – O Estado de São Paulo, Opinião. 24/06/2014	22
Governo corta previsão para a oferta de etanol. Rafael Bitencourt – Valor Econômico, Agronegócios. 30/06/2014	24
 NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....	25
ETANOL	25
Produção de etanol atinge recorde nos EUA com alta no custo da gasolina. Michel Hirtzer – O Globo, Economia. 20/06/2014	25
Datagro eleva estimativa de déficit global de açúcar em 2014/15. Dow Jones Newswires – Valor Econômico, Agronegócios. 26/06/2014	26

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

BIODIESEL

Produtora de biodiesel Biocapital tem perda de R\$ 37 milhões em 2013. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 10/06/2014

SÃO PAULO - A Biocapital, empresa de biodiesel com sede em Charcararia (SP), informou hoje que teve no exercício encerrado em dezembro de 2013 um prejuízo líquido de R\$ 37 milhões. No exercício anterior, a companhia também havia tido uma perda líquida, mas ainda maior, de R\$ 50,1 milhões. Em relatório, os auditores levantam dúvidas quanto à capacidade de continuidade operacional da empresa.

A principal razão para o resultado ruim foi o fato de, em 2013, a empresa ter tido sua licença de operação cancelada pela Agência Nacional de Petróleo (ANP), o que só foi revertido neste ano, disse ao Valor o diretor administrativo e financeiro da empresa, Carlos Aparecido Marques.

Em 2013, a receita líquida da Biocapital foi de R\$ 3,742 milhões, ante R\$ 51,040 milhões de 2012. O resultado financeiro líquido foi um prejuízo de R\$ 5,018 milhões, ante a perda financeira de R\$ 23,0 milhões de 2012.

Na opinião dos auditores que avaliaram o balanço da companhia, a Biocapital passa por uma incerteza “significativa que pode levantar dúvida quanto à capacidade de continuidade operacional da entidade”. Segundo a auditoria, o patrimônio líquido da Biocapital está negativo em R\$ 99,643 milhões.

A dívida da empresa com empréstimos e financiamentos foi a R\$ 89,576 milhões ao fim de 2013, 9% acima do registrado em 2012. O principal credor da empresa é o Bradesco, com R\$ 44,5 milhões emprestados, seguido do banco Daycoval, com R\$ 25,8 milhões, basicamente de capital de giro.

A empresa tem capacidade autorizada para produzir 144 milhões de litros de biodiesel por ano. Segundo o diretor administrativo e financeiro, as atividades da empresa foram retomadas no início deste ano, quando a Biocapital voltou a participar dos leilões da ANP. Ele informou, no entanto, que, por enquanto, a Biocapital ainda não realizou nenhuma venda de produto nos leilões deste ano.

JBS avança no segmento de biodiesel no país e já exporta. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 30/06/2014

Conhecida por sua agressiva expansão no segmento de carnes nos últimos anos, a brasileira JBS, maior empresa de proteínas animais do mundo, também já aparece como uma das principais produtoras de biodiesel do país - a maior quando se trata do biocombustível feito à base de sebo.

Com faturamento anual da ordem de R\$ 400 milhões no segmento, valor crescente desde o início das operações de sua planta em Lins (SP), em 2007, a companhia enxerga, no momento, boas perspectivas nos mercados internacional e doméstico para expandir a produção e acelerar esse avanço.

No front externo, a JBS comemorou em maio a primeira exportação do biocombustível que produz no interior paulista. Conforme Alexandre Pereira, diretor de biodiesel da companhia, o negócio envolveu 6,7 milhões de litros (6 mil toneladas) vendidos para a holandesa Argos, que foi a responsável direta pelo embarque, realizado no porto de Paranaguá (PR).

Com forte atuação no norte da Europa, a Argos é uma distribuidora que importa biocombustíveis (etanol e biodiesel), mistura-os aos combustíveis fósseis segundo os percentuais autorizados nos diferentes mercados e vende os produtos finais, inclusive a outras empresas do seu segmento.

"Estávamos observando o mercado externo há tempos, mas os preços praticados não estavam atraentes. Foi quando apareceu essa oportunidade de negócio com a Argos", disse Pereira. Segundo ele, a JBS vendeu seu biodiesel para exportação com um ágio entre 5% e 7% sobre o valor de mercado do último leilão do biocombustível realizado no país (R\$ 1,88 o litro, incluindo PIS e Cofins).

"Foi um primeiro teste. Não há nenhum outro embarque já definido, até porque os preços caíram um pouco no mercado internacional, mas analisamos ofertas todos os dias", afirmou.

De acordo com Pereira, pesou no negócio com a Argos o fato de o biodiesel da JBS ter o selo InternationalSustainabilityandCarbonCertification (ISCC). A rastreabilidade do biocombustível é garantida pelo fato de o sebo sair dos frigoríficos da empresa. "Temos um circuito fechado, e para a Argos essa foi uma questão determinante".

Se as vendas no mercado externo estão no início e ainda envolvem volumes pequenos, no doméstico as perspectivas de crescimento são mais vigorosas. Isso porque o governo finalmente autorizou a elevação da mistura de biodiesel no diesel comercializado no país de 5% para 6%, a partir de 1º de julho, e para 7% em novembro.

Com isso, prevê Pereira, a demanda tende a crescer a ponto de reduzir consideravelmente a ociosidade da planta de Lins. A unidade - "a maior de biodiesel de sebo do mundo", de acordo com Pereira - tem capacidade para produzir 201 milhões de litros por ano e atualmente trabalha com cerca de 55% de seu potencial.

"Depois de novembro, esse percentual poderá chegar a 85%", disse ele. O sebo é a segunda matéria-prima mais usada para a produção de biodiesel no Brasil, depois da soja. Responde, em média, por 20% da oferta do biocombustível, mas em alguns períodos do ano, por conta da sazonalidade do grão, chega a representar 30%.

Se tudo correr como espera a JBS, no futuro próximo é de se estimar alguma ampliação na capacidade de produção de biodiesel da empresa. Não há nada concreto nesse sentido, mas Pereira realçou que uma eventual expansão da planta de Lins será "simples e rápida".

ETANOL

Usina Da Mata contrata R\$ 40 milhões no Proreforma/BNDES. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 10/06/2014

SÃO PAULO - A usina Da Mata Açúcar e Álcool, com sede em Valparaíso (SP), aprovou a contratação de até R\$ 40 milhões para renovação de canaviais por meio da linha Prorenova, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). A operação financeira, intermediada pelo banco Santander, terá prazo de pagamento de 72 meses e carência do valor principal de 18 meses a contar da data de emissão da cédula.

O recurso será usado para investimentos na área agrícola, especificamente, para implantação e reforma de até 10,5 mil hectares de cana-de-açúcar, segundo informações publicadas pela empresa hoje no Diário Oficial de São Paulo.

A operação, com taxa de juros de 5,5% ao ano, terá o pagamento do valor principal em 54 meses em prestações semestrais e consecutivas após o término do período de carência.

A operação foi aprovada pelo conselho da empresa em reunião realizada no dia 26 de março deste ano, mas foi tornada pública hoje.

A Da Mata aprovou também em reunião no dia 8 de maio três operações de crédito. A primeira, foi uma rolagem (renovação) de cédula de crédito bancário, originalmente contratada em 30 de novembro de 2012, no valor de R\$ 30 milhões. O novo vencimento do título será em 17 de novembro deste ano e a taxa de juros da operação será de CDI mais 3,20 ao ano. A segunda, foi a contratação de crédito rural para custeio agrícola no valor de R\$ 21 milhões, com pagamento em 18 meses, com juros de 5,5% ao ano. A terceira operação aprovada foi um empréstimo no banco Santander para capital de giro no valor de até R\$ 30 milhões. O prazo de pagamento é de até 60 dias e a taxa de juros é de CDI mais o limite de até 1,9% ao ano.

Segundo informações do site da companhia, a capacidade de processamento da unidade é de 1,2 milhão de toneladas por safra (moagem diária de 10 mil toneladas). A produção diária é de 695 metros cúbicos de etanol e 20 Megawatts/hora (MWh) de eletricidade.

Biosev estima moagem de 29 mi a 31,5 mi t de cana em 2014/15. Fabíola Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 11/06/2014

A Biosev, segunda maior processadora de cana-de-açúcar do mundo, estima moer de 29 milhões a 31,5 milhões de toneladas na safra 2014/15, já considerando o efeito da seca que afetou o centro-sul do Brasil no começo do ano, o que permitirá à empresa elevar o uso de sua capacidade instalada, disse o presidente da companhia nesta quarta-feira.

Na temporada anterior, encerrada ao final de março, a Biosev moeu 30 milhões de toneladas.

"Se nós moermos 29 milhões, que é a taxa mínima do range (intervalo), teremos uma taxa de ocupação levemente superior à deste ano", disse Rui Chammas, presidente da Biosev, em entrevista à Reuters, para comentar os resultados da safra.

Na safra 2013/14, a taxa de utilização foi de 79 por cento. Na atual temporada, mesmo no piso da estimativa, este percentual pode chegar a 79,7 por cento, podendo chegar 86,5 por cento, se considerado o teto da estimativa da companhia.

O aumento no uso da capacidade veio em meio a um processo de reestruturação, que incluiu a interrupção da operação de uma usina, que gerou uma economia de 40 milhões de reais por mês.

Ao mesmo tempo, a empresa espera ser beneficiada por um cenário melhor de preços do açúcar e do etanol, que juntamente com a sua reestruturação.

Isso contribuir para que a Biosev volte a gerar fluxo de caixa positivo para cobrir seus investimentos, disse o executivo.

A companhia teve um prejuízo de 1,46 bilhão de reais no ciclo 2013/14, 137 por cento maior ante o ano anterior.

Chammas observou que depois de sofrer uma crise por excesso de oferta de açúcar, o retorno a situação de oferta e demanda mais equilibrada levará à recuperação dos preços de açúcar.

Consultorias e especialistas vêm reafirmando que o mundo pode ter um déficit de açúcar em 2014/15, após alguns anos de excesso de oferta que pesou sobre as cotações.

O executivo afirmou que 80 por cento do volume de açúcar da companhia exposto a preços de mercado no ciclo 2014/15 está "hedgeado", fixado a um valor médio de 18,27 centavos de dólar por libra-peso. Ele não especificou qual era o percentual de fixação em igual período do ano anterior.

Nesta quarta-feira, o contrato mais ativo do açúcar bruto na bolsa de Nova York fechou a 16,81 centavos de dólar.

No caso da safra 2015/16, a Biosev ainda irá monitorar a condição do mercado ao longo do ano para fazer o "hedge".

"Este vai ser o último ano que a produção de açúcar vai ficar igual ou maior à demanda no mundo. Vai voltar a ver um equilíbrio entre oferta e demanda, os estoques vão reduzir e a gente espera uma recuperação de preços a partir da próxima safra", disse.

O executivo também vê algum espaço para melhora dos preços do etanol no país, em função da necessidade de reajustar valores para a gasolina na tentativa de reduzir a defasagem entre o preço doméstico e o internacional, o que consequentemente beneficiaria o biocombustível.

Odebrecht diminui os aportes em etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 13/06/2014

Quatro anos depois de anunciar e realizar investimentos bilionários, a empresa sucroalcooleira da Organizações Odebrecht, a Odebrecht Agroindustrial, vai desacelerar sua expansão. A empresa, que teve em 2012/13 um prejuízo líquido de R\$ 1,2 bilhão e uma dívida bancária superior a R\$ 10,5 bilhões, vinha de um plantio anual de 100 mil hectares de cana-de-açúcar, ritmo que lhe demandava investimentos entre R\$ 1,2 bilhão e R\$ 1,3 bilhão por ano. Mas em 2014, a empresa começa a tirar o pé do acelerador, garante o presidente da companhia, Luiz de Mendonça.

O plantio anual de cana vai ser reduzido para níveis entre 60 mil e 70 mil hectares e também contemplará renovação - e não exclusivamente expansão como vinha sendo feito até agora. "Vamos crescer de maneira mais seletiva", explica o executivo.

Da mesma forma, o orçamento destinado a investimentos encolherá para R\$ 900 milhões já nesta safra 2014/15, afirma. "O montante pode recuar ainda mais nas próximas temporadas se o cenário para o etanol não mudar", admite. Dentro do cenário atual, acrescenta ele, estão projetados para 2015/16 o investimento de R\$ 600 milhões a R\$ 700 milhões.

A razão para a revisão da estratégia é a intervenção estatal nesse mercado, diz o executivo. Ele cita a retirada da incidência da Cide na gasolina e o controle de preços do combustível fóssil, cuja defasagem em relação às cotações internacionais está em cerca de 20%. A gasolina é o principal concorrente do etanol hidratado nos postos de combustíveis do país e seu preço é um teto para os preços do biocombustível.

A Odebrecht Agroindustrial administra atualmente uma área de 400 mil hectares de cana-de-açúcar. "É praticamente uma Grande São Paulo de cana", compara Mendonça. Nas nove usinas que detém, a empresa deve processar nesta temporada 2014/15 em torno de 27 milhões de toneladas, 20% acima das 22,5 milhões de toneladas de 2013/14.

No entanto, o volume de matéria-prima está muito distante das 40 milhões de toneladas que a empresa imaginava estar pronta para moer em 2016/17. "Com o novo planejamento, daqui duas safras devemos chegar a 32 milhões de toneladas", prevê.

A postergação da meta não impediu que os gastos ficassem acima do orçamento inicial. Ao fim de 2010, a empresa estimava aportar mais R\$ 3,5 bilhões para atingir a moagem de 40 milhões de toneladas na safra 2010/11. Mas o endividamento com empréstimos e financiamentos da companhia dobrou de R\$ 5,250 bilhões em 31 de março de 2011, no fim daquele ciclo, para R\$ 10,5 bilhões ao fim do mesmo mês de 2013. "Houve uma alta dos custos agrícolas no período. Estou falando de aumento do preço de arrendamento, de custo com mão de obra, além de insumos, como fertilizantes".

No exercício encerrado em março de 2013, as despesas financeiras da Odebrecht Agroindustrial chegaram a quase R\$ 1,1 bilhão, mais da metade da receita líquida de R\$ 2,005 bilhões obtida no mesmo ano.

O executivo reconhece que houve uma expectativa, demasiadamente otimista, de que haveria, no curto prazo, uma correção do cenário de intervenção no mercado de etanol. "Nossa visão era de que precisávamos estar preparados para essa virada", afirma. Essa expectativa, diz ele, foi sendo alimentada por declarações que não se concretizaram efetivamente em medidas.

"Ouvíamos a Graça Foster constatar publicamente a defasagem do preço da gasolina no mercado interno, aumentando a expectativa quanto a uma correção. Essa atmosfera nos manteve em velocidade máxima de expansão nos últimos três anos", diz Mendonça.

O executivo afirma que a companhia, que já é a segunda maior de etanol do Brasil com produção de 1,5 bilhão de litros em 2013/14, não aposta mais nisso. Nas palavras de Mendonça, a empresa virou uma "cenaarista". "Traçamos vários cenários para o etanol, e

nos posicionamos em cada um deles. Neste momento, trabalhamos com uma fotografia mais conservadora, de esperar uma recuperação mais lenta para esse mercado", observa.

Ele afirma que a estratégia da empresa - que vinha priorizando cumprir seu plano de crescimento - é agora crescer de forma seletiva. "Avançar no ritmo que vínhamos fazendo, contribuiu para que deixássemos passar algumas oportunidades de ganho com redução de custo. Agora, nosso foco será acelerar ganhos de produtividade agrícola".

Na área industrial, destaca Mendonça, a empresa é referência no setor sucroalcooleiro, graças ao conhecimento que o grupo detém com a operação da maior petroquímica do país, a Braskem, controlada pelo grupo Odebrecht e da qual Mendonça foi presidente na América Latina.

O executivo não revela em quais das nove usinas deixará de crescer. Mas garante que vai manter os investimentos em Mato Grosso do Sul. Para a unidade Eldorado, localizada no município sul-mato-grossense de Rio Brilhante, a Odebrecht prevê continuar o plano de expansão, para sair da moagem de 2 milhões de toneladas para 6 milhões em três anos. O aumento da capacidade dessa unidade - industrial e agrícola - vai demandar ao todo R\$ 1 bilhão.

"Essa região, que tem um bom regime de chuvas, traz oportunidades para arrendar áreas que eram de pastagens degradadas para plantio de cana", justifica.

No ciclo passado, o 2013/14, as usinas de Mato Grosso do Sul perderam produtividade após serem afetadas por geadas. "Deixamos de moer 1,5 milhão de toneladas de cana - 1 milhão de cana própria e 500 mil toneladas de terceiros - por causa dessa intempérie. Mas foi um ponto fora da curva", afirma. Das três usinas de cana localizadas em Goiás, duas vão manter o ritmo de expansão, segundo Mendonça. "Vemos espaço para reduzir custo agrícola em 20%".

Questionado sobre qual retorno os acionistas da Odebrecht Agroindustrial esperam do negócio, Mendonça responde que um percentual adequado seria de 15%, se o setor tivesse regras estáveis, o que não é o caso. O grupo controlador não divulga o retorno de suas operações, afirma o executivo, portanto, ele não revela qual é a taxa de retorno do negócio sucroalcooleiro. No entanto, Mendonça admite que o retorno é negativo atualmente.

"O que foi investido, já foi. Não vamos mudar o passado. A que preço o etanol tem que ir para pagar a dívida e nos dar retorno? Não tenho essa resposta", reconhece.

Produção de etanol atinge nível recorde, mas não ameniza crise do setor. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014

Após dois anos em baixa, a fabricação de etanol no Brasil voltou a reagir e atingiu o patamar de níveis históricos alcançados entre 2008 e 2010, quando foram registradas as maiores produções.

Em 2013, foram produzidos 27,7 bilhões de litros de etanol, volume 18% maior do que o produzido em 2012 e próximo da produção de 2008 e 2010, com 27,1 bilhões e 27,9 bilhões, respectivamente.

As informações são da "Análise de Conjuntura dos Biocombustíveis", publicada neste mês pela Empresa de Pesquisa Energética, do Ministério de Minas Energia.

Além da produção de etanol, o país contabilizou a terceira maior produção de açúcar: 37,5 milhões de toneladas, atrás de 2012 (38,5 milhões) e 2010 (37,7 milhões).

Apesar dos níveis recordes, entidades do setor dizem estar em uma das piores crises da história, e sem boas perspectivas para o futuro.

Segundo o diretor técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), Antonio de Padua Rodrigues, não houve ganho significativo para o setor porque o faturamento global por tonelada de cana processada sofreu queda nos últimos anos.

Segundo Rodrigues, o faturamento por tonelada foi de R\$ 116,01 na safra 2011/2012 para R\$ 106,08 na safra 2012/2013. E caiu para R\$ 100,07 na safra 2013/2014. Queda de 13,7%.

Para a Unica, o controle de preços da gasolina pelo governo corrói a indústria do etanol. A Petrobras tem sido obrigada pelo governo a vender gasolina a preços mais baixos que os necessários para cobrir os custos com o petróleo que importa, a preços internacionais.

Com o "subsídio" ao preço da gasolina, o governo evita uma alta maior da inflação.

"Em 2007 o etanol era vendido a R\$ 2,40. Hoje está em R\$ 2,80, R\$ 2,90. Não dá nem 20% de diferença. Como não dá para repassar os custos, as indústrias vão acumulando prejuízos", disse Rodrigues.

Para Plínio Nastari, presidente da consultoria Datagro, o controle de preços da gasolina tem comprometido a geração de caixa da Petrobrás e o cumprimento de seu plano de investimentos.

"O efeito correlato tem sido prejuízos e o desestímulo do setor canavieiro e sucroenergético, que tem como produto principal o etanol, que compete com a gasolina subsidiada", disse.

A deterioração do setor é revelada no relatório do governo, que classificou a redução como resultado de "grandes mudanças estruturais do setor energético".

Segundo o documento, o Brasil tinha 440 unidades em operação em 2010, número que caiu para 388 no ano passado. Segundo os especialistas ouvidos pela Folha, não há previsão de novas indústrias para os próximos anos.

Relatório aponta redução de custos de produção no setor sucroenergético – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014

A "Análise de Conjuntura dos Biocombustíveis", divulgada neste mês, diz que os custos de produção podem ser diminuídos no médio e longo prazos.

De acordo com o relatório, o desenvolvimento tecnológico e os investimentos nos canaviais levam a um "aumento substancial da produtividade".

A análise aponta ainda que espera-se recuperação dos índices de qualidade da cana, a partir da adequação do plantio com a colheita mecanizada.

Marcos França, diretor da consultoria MBF Agribusiness, diz que o cenário é preocupante e que não vê boas perspectivas para o setor, como mencionado no documento.

"A renovação do canal não está sendo feita no nível desejado porque as usinas não têm dinheiro. O nível de endividamento está alto", disse França.

Ainda de acordo com relatório, as fusões e aquisições, assim como a internacionalização do setor, "deverão deixá-lo mais robusto e resistente à volatilidade do mercado."

Energia do bagaço da cana-de-açúcar é subutilizada – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014

O que poderia funcionar como alternativa para as usinas saírem da crise, o uso do bagaço da cana-de-açúcar como fonte de energia, está estagnado no Brasil.

"O panorama da bioeletricidade no ano de 2013 não divergiu do observado em 2012", informa a "Análise de Conjuntura dos Biocombustíveis", divulgado neste mês.

No ano passado, apenas 1,9 GW –energia suficiente para abastecer 2 milhões de casas– foi colocado no sistema. O potencial da biomassa da cana é de 6,8 GW, ou seja, 72% do que poderia ser usado é desprezado nas usinas.

"[Em 2020] esse potencial de cogeração pode chegar a 20,88 GW", disse Plínio Nastari, presidente da Datagro.

Para Nastari, a energia do bagaço de cana pode reduzir transtornos em períodos de chuvas, quando a energia produzida pelas hidrelétricas é insuficiente e o governo recorre às termelétricas.

"Estima-se que cada 1 GW de potência instalada em cogeração de resíduos de cana economize até 4% da água nas represas da região Sul e Sudeste", disse Nastari.

Segundo o relatório, a inserção da bioeletricidade no portfólio de atividades das usinas é um fator de grande importância, mas para ganhar competitividade, é preciso que haja mais eficiência das caldeiras.

William Orzari Hernandez, sócio da FG Agro, disse que o governo precisa oferecer condições mais atrativas para que as usinas participem de forma mais competitiva dos leilões de energia.

O diretor da usina São Francisco, de Sertãozinho, Jairo Meneses Balbo, disse que a venda de eletricidade responde por cerca de 5% do faturamento da empresa.

Produção de etanol atinge nível recorde, mas não ameniza crise do setor. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2014

Após dois anos em baixa, a fabricação de etanol no Brasil voltou a reagir e atingiu o patamar de níveis históricos alcançados entre 2008 e 2010, quando foram registradas as maiores produções.

Em 2013, foram produzidos 27,7 bilhões de litros de etanol, volume 18% maior do que o produzido em 2012 e próximo da produção de 2008 e 2010, com 27,1 bilhões e 27,9 bilhões, respectivamente.

As informações são da "Análise de Conjuntura dos Biocombustíveis", publicada neste mês pela Empresa de Pesquisa Energética, do Ministério de Minas Energia.

Além da produção de etanol, o país contabilizou a terceira maior produção de açúcar: 37,5 milhões de toneladas, atrás de 2012 (38,5 milhões) e 2010 (37,7 milhões).

Apesar dos níveis recordes, entidades do setor dizem estar em uma das piores crises da história, e sem boas perspectivas para o futuro.

Segundo o diretor técnico da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), Antonio de Padua Rodrigues, não houve ganho significativo para o setor porque o faturamento global por tonelada de cana processada sofreu queda nos últimos anos.

Segundo Rodrigues, o faturamento por tonelada foi de R\$ 116,01 na safra 2011/2012 para R\$ 106,08 na safra 2012/2013. E caiu para R\$ 100,07 na safra 2013/2014. Queda de 13,7%.

Para a Unica, o controle de preços da gasolina pelo governo corrói a indústria do etanol. A Petrobras tem sido obrigada pelo governo a vender gasolina a preços mais baixos que os necessários para cobrir os custos com o petróleo que importa, a preços internacionais.

Com o "subsídio" ao preço da gasolina, o governo evita uma alta maior da inflação.

"Em 2007 o etanol era vendido a R\$ 2,40. Hoje está em R\$ 2,80, R\$ 2,90. Não dá nem 20% de diferença. Como não dá para repassar os custos, as indústrias vão acumulando prejuízos", disse Rodrigues.

Para Plinio Nastari, presidente da consultoria Datagro, o controle de preços da gasolina tem comprometido a geração de caixa da Petrobrás e o cumprimento de seu plano de investimentos.

"O efeito correlato tem sido prejuízos e o desestímulo do setor canavieiro e sucroenergético, que tem como produto principal o etanol, que compete com a gasolina subsidiada", disse.

A deterioração do setor é revelada no relatório do governo, que classificou a redução como resultado de "grandes mudanças estruturais do setor energético".

Segundo o documento, o Brasil tinha 440 unidades em operação em 2010, número que caiu para 388 no ano passado. Segundo os especialistas ouvidos pela Folha, não há previsão de novas indústrias para os próximos anos.

Açúcar barato reforça valor para energia a partir da cana, diz Czarnikow. David Brough – O Estado de São Paulo, Economia. 18/06/2014

A queda dos preços internacionais do açúcar significa que a cana atualmente tem maior valor como matéria-prima energética do que como alimento, disse a trading de commodities Czarnikow nesta quarta-feira.

"A função do preço tem sido a de garantir que o mercado encontre uma maneira de escoar o açúcar em excesso. E parece estar fazendo isso em termos de colocação de cana excedente para o etanol", disse a Czarnikow, com sede Londres, em seu último relatório mensal.

Com a economia global de açúcar potencialmente enfrentando um longo período de excedente, é necessária a convergência com o mercado de energia, disse.

"O negócio de energia tornou-se o segmento de melhor remuneração para a indústria de moagem de cana", disse Luis Felipe Trindade, co-diretor de finanças corporativas.

"Realizar o valor desta linha de negócios através de parcerias com investidores estratégicos de fora do setor é a escolha sensata para uma usina tanto buscar desalavancagem ou introduzir capital de baixo custo para o negócio."

Assim como o etanol a partir da cana, a geração de energia elétrica tem se tornando uma importante fonte de renda para usinas de açúcar do Brasil, Índia e Austrália.

No entanto, é no Brasil que o impacto econômico disso está se tornando mais evidente.

O Brasil é um líder global em energia limpa. A energia hidrelétrica atende à maioria da demanda de eletricidade do país.

No entanto, a dependência da energia hidrelétrica torna o Brasil vulnerável ??à escassez de eletricidade em anos de seca, disse a Czarnikow.

O alto preço de energia elétrica é bom para o setor de açúcar e etanol do Brasil, pois é um exportador líquido de energia.

A geração de energia elétrica a partir da queima do bagaço, um subproduto da indústria da cana, atende cerca de 7 por cento das necessidades do país.

"Capturar o potencial de renda a partir da biomassa da cana é importante para garantir o futuro da eficiência do setor e manter o rendimento durante a recessão do ciclo de negócios", disse Toby Cohen, chefe de análise da Czarnikow.

Troca de gasolina por etanol em carros flex gera créditos de carbono – O Globo, Economia. 24/06/2014

A instituição internacional VerifiedCarbon Standard (VCS) fez para cinco empresas brasileiras a primeira emissão global de créditos de carbono derivada da substituição de gasolina por etanol em veículos flex. Foram emitidos 2.195 créditos (cada um equivale a uma tonelada de CO2 evitada) para Ecofrotas, Biolab, ISS, G4S e Renovias.

Conforme informações divulgadas pela Ecofrotas, líder do segmento de gestão de frotas no país, a metodologia foi desenvolvida pela própria empresa e é a primeira no mundo a tratar da emissão de créditos de carbono por conta da substituição do uso do combustível fóssil pelo biocombustível em carros capazes de rodar com os dois produtos.

Segundo a Ecofrotas, essa metodologia consiste na substituição da gasolina pelo etanol no momento do abastecimento. "Mesmo que os veículos de uma empresa não sejam

todos flex, a frota pode ser 'carbono zero' se o total de créditos de carbono gerados pela frota flex forem suficientes para compensar as emissões dos demais veículos", afirma Rodrigo Somogyi, gerente de inovação da Ecofrotas, em comunicado.

Moagem de cana-de-açúcar cresce, mas seca preocupa usineiros – Folha de São Paulo, Cotidiano. 25/06/2014

A moagem de cana-de-açúcar na região centro-sul do país atingiu 41,4 milhões de toneladas na primeira quinzena deste mês. A quantidade processada é 16,3% maior que no mesmo período da safra anterior.

Os dados foram divulgados nesta quarta-feira (25) pela Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

Desde o início da atual safra, a moagem totalizou 158,9 milhões de toneladas até 15 de junho –3,6% superior ao processamento referente ao mesmo período da safra anterior (153,33 milhões de toneladas).

O diretor técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues, disse que o clima seco favoreceu a operacionalização da colheita. Por outro lado, a falta de chuvas prejudica o desenvolvimento da planta.

"Já existem unidades produtoras que estão reduzindo o ritmo de colheita para não avançar em áreas que não atingiram o ciclo de desenvolvimento", afirmou Rodrigues, por meio da assessoria.

Ainda de acordo com a Unica, os índices de chuva registrados nas regiões produtoras de cana permaneceram abaixo do patamar histórico para este ano. No mês passado, por exemplo, o volume de chuvas ficou 50% abaixo do verificado em maio de 2013.

Por causa da falta de chuvas, a produtividade de área colhida até o final de maio atingiu 78,4 t por hectare –número 7,3% menor que no mesmo período de 2013.

De acordo com Rodrigues, a "quebra é preocupante e deverá ficar mais evidente ao final da safra".

PRODUÇÃO

Do volume total de cana processado do início da safra 2014/2015 até 15 de junho, a maior parcela –57,8% ou 6,56 bilhões de litros– continua a ser destinada à produção de etanol. A produção é 2,75% maior que a do mesmo período da safra anterior.

A fabricação acumulada de açúcar até 15 de junho atingiu 7,77 milhões de toneladas, 4,4% acima do registrado em igual período de 2013 (7,44 milhões de toneladas).

Em crise, setor de etanol e açúcar procura diversificar produção. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Mercado. 26/06/2014

Em crise, o setor sucroalcooleiro passou nos últimos anos a buscar alternativas para ampliar seu cardápio de produtos obtidos por meio da cana-de-açúcar.

Com o preço das suas principais commodities –etanol e açúcar– instáveis, a indústria desenvolve projetos para agregar valor à atividade.

O objetivo é, no futuro, obter uma parte significativa da lucratividade com a diversificação de produtos.

O gerente do departamento de biocombustíveis do BNDES, Arthur Milanez, disse que o banco já destinou desde 2012 R\$ 3,7 bilhões para financiar pesquisas para novos produtos no setor.

De acordo com Milanez, essa diversificação pode ser uma importante alternativa de renda para as indústrias nos próximos anos.

Um dos exemplos citados é a primeira unidade de produção de etanol celulósico no Brasil. A planta tem capacidade para 40 milhões de litros de etanol por ano e está instalada na cidade de Piracicaba (a 160 km de distância de São Paulo).

O biocombustível de segunda geração é produzido a partir do bagaço, folhas, cascas e outros resíduos da cana-de-açúcar, obtidos durante o processo de fabricação de etanol e açúcar.

O vice-presidente de etanol, açúcar e bioenergia da Raízen, Pedro Mizutani, disse que, se a experiência der certo, o grupo pretende erguer mais sete plantas no país, com investimentos que giram em torno de R\$ 2 bilhões, nos próximos oito anos. O investimento em Piracicaba é de R\$ 230 milhões.

A expectativa é que, operando com capacidade máxima, as unidades produzam 1 bilhão de litros de etanol. "É uma alternativa importante para o setor", disse.

CADEIA PRODUTIVA

"Pode-se afirmar sem incorrer em erro que, com os processos tecnológicos, tudo poderá ser aproveitado da cana e nada será perdido", afirmou Jairo Menesis Balbo, diretor industrial da usina São Francisco, de Sertãozinho.

A indústria fornece a cera de bagacilho, que pode ser usada, por exemplo, na produção de velas e na proteção de frutas –a substância cria uma película protetora no fruto que o impede de ser danificado por insetos.

Também se produz a levedura, em parceria com outra usina, a Santo Antonio, também em Sertãozinho. A substância é usada na elaboração de alimentos concentrados destinados à ração animal.

Mas o "carro-chefe" da São Francisco é o etanol e açúcar orgânicos –produzidos sem uso de substâncias químicas.

Eles são destinados para a indústria de alimentos, bebidas e cosméticos, que exigem alto grau de pureza.

INDEPENDÊNCIA

"Se não fossem esses subprodutos, a usina estaria quebrada. A indústria precisa se tornar cada vez menos dependente das tradicionais commodities, que têm muita oscilação de preço", disse o diretor da usina.

Atualmente, esses subprodutos representam 25% do faturamento da São Francisco.

Representantes do setor sucroalcooleiro dizem passar pela maior crise da história. Nas últimas cinco safras, 44 usinas fecharam, 33 estão em recuperação judicial e ao menos dez não irão moer cana-de-açúcar neste ano.

Clima favorece colheita de cana, mas amplia risco de quebra da produção. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 26/06/2014

O clima mais seco que o normal no Centro-Sul do país nos primeiros meses da atual safra canavieira (2014/15), iniciada em abril, continua a favorecer a colheita e, em contrapartida, a ampliar as preocupações sobre o futuro da oferta da matéria-prima ao longo da temporada.

"O clima mais seco prejudica severamente o desenvolvimento da planta, intensificando a quebra agrícola", afirma, em comunicado, Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), entidade que representa as usinas sucroalcooleiras da região.

Do começo da safra até 16 de junho, a moagem de cana alcançou 158,9 milhões de toneladas no Centro-Sul, 3,7% mais que em igual intervalo da safra anterior (2013/14). A produção de açúcar cresceu 4,4% na comparação, para 7,8 milhões de toneladas, enquanto a de etanol aumentou 2,8% e chegou a 6,6 bilhões de litros. No caso do biocombustível, o incremento foi puxado pelo etanol anidro (misturado à gasolina); no caso do hidratado (usado diretamente nos tanques dos veículos), houve queda (ver infográfico).

Mas, como destaca a Unica, a produtividade agrícola, até agora, está 7,3% menor que no mesmo período do ciclo passado. Em maio a situação melhorou um pouco, mas a retração em relação ao mesmo mês de 2013 ainda foi de 6,4%. O "mix" da safra atual, como já era previsto, continua "alcooleiro" - da cana, 57,84% foram destinados à produção de etanol do início da temporada até o dia 16 de junho.

Ainda de acordo com informações da Unica, sete usinas fizeram sua estreia neste ciclo na primeira quinzena de junho, elevando para 269 o número de unidades produtoras em operação na região. A expectativa é que outras 16 usinas deem partida a seus trabalhos de moagem nesta segunda metade do mês.

Preço do etanol tem alta por preocupação com safra, diz Cepea. Fabíola Gomes – O Globo, Economia. 30/06/2014

SÃO PAULO (Reuters) - O preço médio do etanol nas usinas de São Paulo teve leve alta na última semana diante da expectativa do mercado com o efeito da seca, que pode limitar a oferta, apontou nesta segunda-feira o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

Entre 23 e 27 de junho, o Indicador Cepea/Esalq do etanol hidratado (utilizado nos carros flex), em São Paulo, teve média de 1,2251 real por litro, aumento de 0,3 por em relação à semana anterior.

Para o etanol anidro (misturado à gasolina), a elevação foi de 0,6 por cento, com o valor médio atingindo 1,3405 real por litro.

A União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica) alertou em seu mais recente relatório que, apesar de favorecer a colheita, o tempo mais seco tem afetado o desenvolvimento dos canaviais.

"Com a possibilidade de haver quebra de safra, algumas usinas têm buscado estocar o etanol, comercializando menos (tanto em volume como em número de negócios) no mercado spot", disse o Cepea em seu relatório semanal.

Do lado da demanda, acrescentou o Cepea, as distribuidoras também mostram pouco interesse de compra, adquirindo apenas quantidades necessárias para o abastecimento de curto prazo.

POLÍTICA NACIONAL

BIODIESEL

Erasmu Carlos Battistella: A vez da economia verde – Folha de São Paulo, Opinião. 06/06/2014

O anúncio do aumento do mercado brasileiro de biodiesel feito recentemente pela presidente Dilma Rousseff tem muito mais impactos positivos que o aludido socorro ao caixa da Petrobras nas despesas com importação de combustíveis derivados. O que se propõe é o novo marco legal de um importante segmento das energias renováveis, com regras claras, segurança jurídica e regulatória.

De fato, o setor produtivo já alertara o governo dos reflexos benéficos da produção do biocombustível na balança comercial, já que o país passa a gastar menos com a importação de diesel fóssil. Só no ano passado, foram importados 10,5 bilhões de litros, ao custo de US\$ 8,3 bilhões. Ainda assim, a produção interna de biodiesel economizou US\$ 2,5 bilhões. Quando chegarmos a misturar 7% de biodiesel por litro de diesel, em novembro deste ano, o país deixará de importar pelo menos 1,2 bilhão de litros, numa redução de desembolso de US\$ 1 bilhão.

Estudo da Fipe/USP mostrou que de 2008 a 2011 o biodiesel brasileiro economizou R\$ 11,5 bilhões em importações de diesel. Além disso, agregou R\$ 12 bilhões ao Produto Interno Bruto. Depois de investir cerca de R\$ 4 bilhões e gerar mais de 100 mil empregos em toda a cadeia produtiva, as usinas estão prontas para atender ao aumento da demanda com plena capacidade para corresponder à expectativa de abastecimento do mercado nacional.

Hoje o biodiesel é vendido na proporção de 5% por litro de óleo diesel, o que representa um faturamento de R\$ 7 bilhões. Desde 2010, a indústria trabalha com cerca de 60% de ociosidade. Com um volume de 2,91 bilhões de litros processados em 2013, o Brasil é o segundo maior produtor mundial, atrás dos Estados Unidos, e o terceiro maior consumidor, depois dos EUA e da Alemanha. Em 2011 já fomos o maior consumidor, quando a crise financeira na Europa reduziu o consumo na Alemanha em 200 milhões de litros.

Sua produção fomenta, ainda, o processamento de soja e farelo do grão, que é exportado, incrementando o valor agregado à pauta de exportações do país, e destinado à cadeia alimentar de aves e suínos e, em última instância, à cadeia alimentar humana.

Mas não são só benefícios econômicos que essa fonte verde de energia nos traz. O biocombustível também contribui com o cumprimento das metas internacionais do país para redução de emissões de gases de efeito estufa. O Ministério do Meio Ambiente já disse que o aumento do uso de biodiesel permitirá reduzir a emissão de 48 a 60 milhões de toneladas equivalentes de gás carbônico até 2020.

O mesmo trabalho da Fipe revelou que, entre 2008 e 2011, a redução dessas emissões foi de 11 milhões de toneladas equivalentes. Foi o período em que mais cresceu a presença do biodiesel no diesel fóssil, passando de 2,49% para os atuais 5%.

O biodiesel gera energia limpa e melhora a qualidade do ar ao emitir 57% menos gases poluentes que o óleo mineral. Com 10% de mistura, a emissão de gás carbônico cairá 8%. E com 20%, 12%. Isso reduz as internações hospitalares por problemas respiratórios, liberando as políticas públicas de saúde, ao reduzir seus custos, para focar os atendimentos de emergência e, portanto, prioritários.

O biocombustível impulsiona também a reciclagem animal, com a coleta de sebo bovino, que responde por mais de 20% do óleo produzido no Brasil. Foram 400 mil toneladas em 2013. Também no ano passado, fizemos biodiesel a partir de 30 milhões de litros de óleo de cozinha reutilizado, que antes poluíam rios e outros leitos d'água.

Tão importante quanto as vantagens econômicas e os benefícios ambientais é a inclusão social que a criação do Selo Combustível Social do Ministério do Desenvolvimento Agrário promoveu. Mais de 100 mil famílias de pequenos agricultores já foram incluídos na cadeia produtiva do biodiesel, que receberam R\$ 8,5 bilhões em compra de matérias-primas, assistência técnica e insumos agrícolas. O valor supera os orçamentos da reforma agrária dos últimos anos.

É o maior programa de transferência de renda do país, se não da América Latina. A iniciativa faz do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel o único no mundo a produzir energia limpa e com viés social. Só em 2013, foram repassados R\$ 2,85 bilhões a pequenos agricultores.

Não faltam qualidades ao biodiesel e à acertada decisão de ampliar sua participação na matriz energética. A biomassa é um segmento inovador da economia nacional que agrega valor ao PIB, gera mais empregos e põe o Brasil na vanguarda da modernidade mundial da sustentabilidade e do comprometimento com o futuro dos povos.

ERASMO CARLOS BATTISTELLA, 35, é presidente da Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio)

ETANOL

**Campos defende tributação diferenciada entre etanol e combustíveis fósseis.
Eduardo Simões – O Globo, Brasil. 02/06/2014**

SÃO PAULO (Reuters) - O pré-candidato do PSB à Presidência da República, Eduardo Campos, propôs nesta segunda-feira uma tributação diferenciada entre o etanol e os combustíveis fósseis e defendeu usar a receita resultante dessa diferenciação em investimentos na melhoria da mobilidade urbana nas cidades.

Em discurso para empresários do setor de etanol em São Paulo, o socialista também criticou as implicações das decisões tomadas pelo governo da presidente Dilma Rousseff nesta indústria e disse que, se eleito, tratará diretamente com o setor por entender que ele é “estratégico” para o país.

“Algo que precisa imediatamente ser resolvido é a diferença como se tributa o combustível fóssil e como se tributa o biocombustível. Quero assumir o compromisso de ser o presidente que vai voltar a tratar de maneira diferente o combustível fóssil do combustível de fonte renovável”, disse Campos, bastante aplaudido pelos empresários.

O socialista, prometeu, por outro lado, que essa diferenciação não terá impacto na carga tributária do país.

“Não estamos falando aqui de aumento na carga tributária. Não. Nós precisamos abrir essa janela para fazer a tributação diferenciada sem impacto na carga tributária”, disse.

Campos usou o seu discurso para responsabilizar o governo Dilma pela “crise severa” que afirmou existir no setor energético e especialmente no de etanol, e deu parte da receita para que a indústria sucroalcooleira saia da crise.

“O primeiro passo para sair da crise nós vamos dar em outubro”, disse numa referência ao mês em que será realizada a eleição. “A mudança que o povo quer não é a mudança para o passado. Não é a mudança que divide o Brasil.”

Sem mencionar o pré-candidato do PSDB, Aécio Neves, Campos disse que seus adversários já governaram o Brasil nos últimos 20 anos e voltou a bater na tecla que tem mais chances de vencer Dilma por vir da Região Nordeste, onde a presidente teve importante parcela de votos na eleição de 2010.

“Eu serei presidente da República. E serei presidente da República, inclusive, porque irei enfrentar as forças governistas no local em que ela mais teve importância e voto, que é no Nordeste brasileiro”, disse o ex-governador de Pernambuco.

“Quero deixar claro que, como presidente da República, vou tratar diretamente com as lideranças do setor”, prometeu.

O socialista defendeu ainda um governo que “aja de maneira correta na macroeconomia” e que respeite o centro da meta de inflação, que atualmente é de 4,5 por cento ao ano. No governo Dilma, o parâmetro oficial do governo, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tem ficado perto do teto da meta, que é de 6,5 por cento ao ano.

Para produtores, mistura de etanol em 26% é surpresa. Gustavo Porto e Cleide Silva – O Estado de São Paulo, Economia. 18/06/2014

Hipótese prevista para ser divulgada em breve não atende ao setor, que insiste em um aumento de 25% para 27,5%

Ribeirão Preto - O aumento da mistura do etanol anidro à gasolina de 25% para 26%, previsto para ser anunciado pelo governo em breve, conforme antecipou ontem o Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, foi recebida com surpresa pelo setor sucroenergético. A hipótese não atende a proposta do setor, que mantém o pleito de elevação da mistura para 27,5% de etanol.

Cálculos apontam que, para suprir o aumento de 1 ponto porcentual na mistura, seriam necessários 400 milhões de litros por ano de etanol, volume pequeno se comparado ao total de 1 bilhão de litros se o aumento fosse de 2,5 pontos porcentuais, como querem os usineiros. "É um volume que naturalmente já estaria aqui no País por causa da redução das exportações previstas para os Estados Unidos e não vai alterar muita coisa", disse o presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) e conselheiro da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Luiz Carlos Corrêa Carvalho.

Segundo Carvalho, não houve pressão do setor sobre o governo para o aumento da mistura nesse patamar de 26% e a Unica nem sequer foi comunicada da possível medida.

Um dos usineiros descontentes com o governo classificou o possível aumento da mistura em 1 ponto porcentual como uma medida "de desespero" do governo para se reaproximar do setor em ano eleitoral. "É uma medida política para fazer média", disse o usineiro, que preferiu não se identificar.

O presidente do Fórum Nacional Sucroenergético, André Rocha, também disse não ter sido informado pelo governo da possibilidade de aumento para 26% na mistura, bem como da inclusão das usinas nas linhas de crédito para estocagem já existentes para grãos. "Nossa proposta é fazer os testes e tentar os 2,5 pontos porcentuais para ver se é possível. O governo sinalizou que, se tecnicamente for possível, aprovaria."

Entre os principais pleitos do setor, além da mistura em 27,5%, estão o retorno da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), de até R\$ 0,28 sobre o litro da gasolina, e o reajuste do combustível. Além de ampliar a competitividade do etanol, as medidas dariam fôlego às usinas.

Ontem a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) não quis comentar o possível aumento da mistura de etanol na gasolina para 26%. Em abril, quando o setor sucroalcooleiro pediu que o porcentual chegasse a 27,5%, o presidente da entidade, Luiz Moan, disse que a ampliação não prejudica os carros flex.

Moan ressaltou que os modelos movidos apenas a gasolina - 38% da frota (cerca de 14,4 milhões de automóveis e comerciais leves) - terão dificuldade na partida, aumento de possibilidade de corrosão nas partes metálicas que têm contato com o combustível e redução da durabilidade das peças de borracha.

A crise do etanol. Editorial – O Estado de São Paulo, Opinião. 22/06/2014

A dívida de mais de R\$ 60 bilhões acumulada pelas empresas do setor sucroalcooleiro, que limita sua capacidade de investimentos e ameaça a continuidade das atividades das que teimosamente continuam a produzir etanol com certa regularidade, é o resumo financeiro da desastrosa política energética do governo do PT na área de combustíveis renováveis. Como fez com as empresas de energia elétrica, às quais prometeu competitividade e crescimento, mas apresentou uma dolorosa conta que lhes comprometeu o equilíbrio financeiro, às empresas sucroalcooleiras o governo do PT prometeu a liderança mundial na produção de energia renovável e limpa para o setor de transportes, mas entregou uma crise para a qual ele próprio não tem nem sequer um esboço de solução.

Para as empresas que acreditaram no governo e investiram pesadamente na expansão de sua capacidade de produção, hoje soam como escárnio as palavras pronunciadas pelo ex-presidente Lula em 2006, quando se referiu ao "novo momento para a humanidade" que, no seu entender, estava sendo aberto pelo memorando de cooperação para a produção de álcool combustível assinado pelos governos brasileiro e americano. Por convicção ou esperteza, Lula então previu que o Brasil se tornaria referência mundial na produção de etanol de cana, um combustível avançado, de alta produtividade e não poluente.

O etanol, com certeza, continua sendo um combustível com essas características, mas sua produção no Brasil foi severamente prejudicada pelo governo - o de Lula e mais ainda o de Dilma. Com a descoberta de petróleo da camada do pré-sal, no qual o governo petista viu, mais do que um alívio para a questão energética, um veio de grande valor político-eleitoral, seu interesse pelo etanol decresceu rapidamente.

Depois, sem se preocupar em conter as pressões inflacionárias por meio de uma política fiscal mais adequada - com redução de suas próprias despesas, para aliviar a demanda interna - e outros mecanismos mais eficazes, entre os quais o desestímulo ao consumo, o governo passou a controlar com mais rigor os preços que têm grande peso na composição dos principais índices de inflação, como o dos combustíveis. Isso prejudicou severamente o desempenho financeiro da Petrobrás, mas prejudicou ainda mais o setor sucroalcooleiro.

Com o estímulo dado pelo governo do PT, em seu primeiro ano, para a produção de veículos flex, que utilizam álcool e gasolina em quaisquer proporções, também a produção do etanol foi estimulada. Além disso, a obrigatoriedade de adição de álcool à gasolina - justificada por razões ambientais - assegurava uma atraente fatia do mercado para o biocombustível produzido a partir da cana. Este é o lado positivo da política petista para o setor sucroalcooleiro.

Tudo o que essa política podia ter de positivo, porém, foi destruído pelo controle de preços - conhecido viés petista - também na área de combustíveis. O congelamento por longos períodos do preço da gasolina, além de prejudicar financeiramente a Petrobrás, impôs perdas severas para o setor sucroalcooleiro. Como o álcool tem rendimento inferior ao da gasolina, para que o consumidor opte pelo biocombustível em detrimento do derivado de petróleo, é preciso que o preço seja adequado. O álcool só é competitivo se seu preço não superar 70% do da gasolina.

Por isso, o congelamento de um, o da gasolina, obviamente impõe também o do outro, do álcool. A Petrobrás teve compensações, embora não integrais, para as perdas que teve com o congelamento, pois foi subsidiada pelo governo, com a redução para zero da alíquota do tributo que incide sobre a gasolina (a Cide). Mas o setor sucroalcooleiro, cujos custos de produção subiram enquanto o preço do álcool estava congelado, teve perdas.

É a pior crise já enfrentada pelo setor. Nas últimas cinco safras, 44 usinas fecharam. Outras 33 estão em regime de recuperação judicial e 12 não moerão cana neste ano. O espectro do desemprego ronda mil municípios onde se planta cana.

Carvãozinho da cana. Xico Graziano – O Estado de São Paulo, Opinião. 24/06/2014

Adeus, fogaréu. A colheita da cana-de-açúcar na palha crua, efetuada sem queimada, deverá atingir 90% nesta safra paulista. Funcionou exemplarmente o Protocolo Agroambiental assinado, em 2007, entre o governo do Estado de São Paulo e o setor sucroalcooleiro. O ajuste de conduta, negociado, superou a lei, impositiva. Ponto para a conciliação.

Tudo começou quando, eleito governador, José Serra me convidou para assumir a Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Discutindo nossas prioridades de governo, instigou-me a encontrar uma solução para as queimadas em São Paulo. Pensava-se, inicialmente, em propor à Assembleia Legislativa uma modificação da Lei 11.241/02, que regula a matéria, antecipando os seus prazos, que permitem a prática do fogo no canavial até o longínquo ano de 2031. Fui estudar o assunto.

Segui a pista dos inúmeros "protocolos" que se haviam firmado, mundialmente, sobre a questão ambiental. Eles inauguravam um estilo de governança que promovia o engajamento dos envolvidos (stakeholders) no processo de mudança. Parafraseando Joelson Beting, em ambientes isso significava abandonar a ideia tradicional, e policialesca, do "comando e controle", acreditando-se no convencimento e na educação ecológica. Inspirado nesse raciocínio, procurei o Eduardo Carvalho, então presidente da União da Agroindústria Açucareira (Unica).

Tenaz, ele acreditou na possibilidade do compromisso mútuo, preferindo-o à pendenga legislativa. Sua disposição de ajudar como interlocutor do processo me animou. Na sequência, consultei o João Sampaio, recém-indicado para a Secretaria Estadual da Agricultura. Sempre contemporizador, ele topou ombrear comigo nessa batalha. Confiante, voltei ao Serra e dele recebi o aceite desse caminho de solução. Nasceu assim o inédito Protocolo Agroambiental do etanol verde.

Formuladas tecnicamente, em conjunto com o setor sucroalcooleiro, as diretrizes básicas do protocolo antecipavam o prazo final das queimadas nas regiões planas, propícias à mecanização da colheita, de 2021 para 2014. Nas áreas inclinadas, acima de 12 graus, e para os pequenos fornecedores de cana se permitiria queimar até 2017. Fomos além. Era importante também assegurar a recuperação das matas ciliares dentro dos canaviais e, ademais, conseguir uma redução no consumo industrial de água. Tudo acabou posto no papel. Pauta de compromisso.

Os usineiros insistiam, com certa razão, em ver facilitado o financiamento das onerosas máquinas necessárias para colher a cana crua. É importante entender essa questão. Bota-se fogo na palhada da cana para facilitar o corte manual dos colmos, feito com afiados facões. Sem a queimada o trabalho manual é difícil, lerdo, mais perigoso. Fora o medo das cobras escondidas nas touceiras.

Por isso, na discussão sobre o protocolo, o desemprego virou preocupação. Cada colheitadeira de cana substitui cerca de 80 boias-frias no corte do canavial. Eliminar a queimada não seria, sob o ponto de vista da mão de obra, condenar milhares de famílias ao abandono, destituídas do trabalho na cana-de-açúcar? Só havia uma saída: investir na requalificação profissional dos trabalhadores, preparando-os para assumirem funções mais nobres, como operadores de máquinas, mecânicos e auxiliares. Esperava-se, assim procedendo, que a demanda de mão de obra especializada ajustasse o mercado, até mesmo elevando os salários no campo. Foi o que, no decorrer do tempo, aconteceu, embora levas de cortadores de cana tenham, sazonalmente, deixado de migrar do Nordeste para São Paulo. Ocuparam-se em suas origens.

Articulado dentro do governo, acertado com os empresários da cana, aceito pelos sindicatos, o Protocolo Agroambiental conseguiu elevada adesão em seu lançamento. Ajudou uma sacada: definiu-se que o cumprimento das metas ambientais seria atestado com um "certificado de conformidade", documento de fé pública que premiaria a boa conduta ambiental das usinas e destilarias. Virou objeto de desejo na competição setorial, criando um movimento positivo rumo à sustentabilidade. Hoje, após sete anos, comparando com o cenário anterior, estabelecido na lei estadual, deixaram de ser queimados 7,2 milhões de hectares de lavoura. Em termos de emissão de gases de efeito estufa, a redução equivale à retirada de 77,5 mil ônibus rodando um ano inteiro nas ruas da capital.

No mesmo período, precisamente 299.038 hectares de matas ciliares, estabelecidas ao redor de córregos e brejos, junto com 9.300 nascentes, foram compromissados segundo os requisitos do protocolo. Tais áreas, georreferenciadas para servir à fiscalização por satélites, engrossaram a proteção da biodiversidade. Na agenda azul, o avanço tecnológico e as boas práticas de fabricação permitiram enorme redução no consumo de água da agroindústria: por tonelada de cana processada, o índice caiu de 5 m³ para 1,18 m³. Sensacional.

Evidentes são os ganhos socioambientais obtidos com a estratégia. Curiosamente, porém, outros problemas surgiram. A palhada da cana, antes queimada, ao se acumular no solo, reduziu a insolação nas gemas da soqueira. Esse fenômeno afetou a rebrota das plantas para o ciclo seguinte da lavoura. Alterou-se também a dinâmica das pragas. Os insetos, antes torrados no fogo, passaram a se reproduzir sem restrição, a exemplo da cigarrinha das raízes (*Mahanarvafimbriolata*). Pesquisas agronômicas tentam superar os novos desafios.

Assumir compromissos mútuos: essa é a grande lição do Protocolo Agroambiental em São Paulo, parceria que pavimenta o caminho do futuro sustentável no campo. Não foi o chicote da lei, mas a crença na boa-fé humana, que acabou com o carvãozinho da cana.

Governo corta previsão para a oferta de etanol. Rafael Bitencourt – Valor Econômico, Agronegócios. 30/06/2014

O governo decidiu rever a previsão de oferta de etanol para os próximos anos diante da frustração com a retomada do crescimento da produção nacional do biocombustível, conforme antecipou na sexta-feira o Valor PRO, serviço de informações em tempo real do Valor. A nova projeção constará do novo Plano Decenal de Energia, o PDE 2023, que está sendo elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE).

O PDE 2022, feito no ano passado, previa que em dez anos a oferta de etanol mais que dobraria, saindo de 26,7 bilhões (2013) para 53,8 bilhões de litros (2022). O PDE 2023, que se pauta pela mesma avaliação, mas pelo período de dez anos a partir de 2014, estima que a oferta de etanol terá um crescimento reduzido, de 27 bilhões este ano para 48 bilhões de litros em 2023. É um incremento de 77% em uma década, menor que o da projeção anterior, de 101%.

O presidente da EPE, Maurício Tolmasquim, admitiu que os números precisavam ser revisados, pois estavam "superestimados". "Talvez estivesse superestimado e, agora, fique mais dentro da realidade. Mas ainda é um crescimento bastante expressivo", afirmou Tolmasquim ao Valor.

O setor já alertava o governo sobre os números descolados da realidade. "Entre ter uma estimativa estatística de combustíveis e ter um planejamento estratégico para concretizar os planos existe uma enorme diferença", afirmou a presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Elizabeth Farina. Ela ressaltou que as nove usinas novas a serem instaladas no país até 2015 não saíram do papel, conforme previsão do PDE 2022. Esse conjunto de usinas acrescentaria uma capacidade adicional de moagem de 29 milhões de toneladas.

Elizabeth considera que, sem perspectivas de melhora para o setor, outra leva de 39 unidades produtoras previstas para entrar em produção entre 2016 e 2022 também estariam comprometidas. "Hoje, temos a quantidade zero de usina nova contratada. Ou seja, até o horizonte de 2020 não vai ter nenhuma, não só em 2015, em 2020 também", disse.

Mas mesmo sem o setor dar sinais de recuperação, o governo acredita que ele retomará a curva de crescimento observada em anos anteriores. Essa crença é sustentada pela expectativa de aumento de demanda no mercado interno. "Acredito que o etanol continuará crescendo, sendo bastante importante para o abastecimento de veículos. A nossa projeção preliminar vê o Brasil de hoje, com 38 milhões de veículos, chegar à frota de 64 milhões em dez anos", afirmou Tolmasquim.

Os produtores ligados à Unica consideram que as metas do governo somente poderiam ser alcançadas se contassem com um plano estruturado que permitisse reverter a situação de endividamento, com muitas usinas enfrentando processo de recuperação judicial. A presidente da entidade disse que o setor tenta renovar as esperanças de recuperação a partir das tratativas retomadas com o governo por meio do ministro da Casa Civil, Aloizio Mercadante.

Segundo Elizabeth, o ministro Mercadante afirma ter total interesse em buscar estímulos ao setor, além do aumento da proporção de etanol anidro na composição da gasolina. "O ministro disse, aliás de forma bastante clara e determinada, que o governo quer o aumento da mistura e considera o setor extremamente importante pelo fato de colocar o Brasil na vanguarda do uso do etanol no mundo, que isso traz benefícios ao consumidor, ao meio ambiente e, inclusive, à balança comercial", disse Elizabeth.

Ainda que haja sinais de boa vontade do ministro Mercante, integrantes do governo ouvidos pelo Valor consideram que a revisão das projeções de oferta de etanol veio do entendimento de que foram praticamente esgotadas as possibilidades de oferecer novos incentivos à produção. Com isso, o aumento do percentual de anidro na gasolina de 25% para 27,5%, que deve sair este ano, é tido como um dos últimos estímulos que ainda podem ser dados aos produtores. Nesse entendimento, a cadeia de produção já foi completamente desonerada e os financiamentos já contam com juros mais que subsidiados.

Além da inviabilidade de conceder novos estímulos à melhoria das condições de produção, o governo descarta qualquer intervenção no preço da gasolina com o intuito de melhorar a competitividade do etanol. Uma das alternativas defendidas pelos produtores é a equiparação, ainda que parcial, do preço da gasolina ao mercado internacional ou o restabelecimento da cobrança da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre esse derivado de petróleo. Em um cenário de alta da inflação, nenhuma das duas alternativas é cogitada por ora.

Para o governo, a convergência de preço da gasolina com o mercado internacional será considerada somente com o intuito de reduzir a dificuldade de caixa da Petrobras. O benefício ao etanol viria por consequência. Já a possibilidade de mexer na Cide para ajudar o setor sucroalcooleiro é veementemente rejeitada. "A Cide não foi criada para dar competitividade ao etanol, mas para regular os preços do mercado de combustível. Seu objetivo é dar condições de reduzir o preço nos momentos em que o petróleo sobe e aumentar o seu valor nos momentos em que o petróleo desce", disse fonte do governo.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

ETANOL

Produção de etanol atinge recorde nos EUA com alta no custo da gasolina. Michel Hirtzer – O Globo, Economia. 20/06/2014

(Reuters) - A produção de etanol nos Estados Unidos cresceu pela sexta semana consecutiva, para um patamar recorde, mostraram dados do governo nesta quarta-feira, com os preços da gasolina em alta aumentando a demanda pelo biocombustível.

A produção de etanol no país subiu 28 mil barris por dia (bpd), alta de aproximadamente 3 por cento, para uma média de 972 mil bpd na semana encerrada em 13 de junho, segundo a Administração de Informações de Energia (AIE).

A produção ultrapassou o recorde anterior, de 963 mil bpd, alcançado na última semana de 2011.

Apesar da produção elevada, uma forte demanda apertou os estoques de etanol, que caíram 572 mil barris, para 17,85 milhões de barris, menor patamar em três semanas.

Produtores de biocombustíveis estão embolsando lucros quase recordes, já que o preço do milho, principal matéria-prima do etanol nos EUA, está perto da mínima de quatro meses.

Enquanto isso, os contratos futuros da gasolina mantiveram-se com um prêmio de cerca de 1 dólar por galão sobre os futuros do etanol em junho, tornando o etanol atrativo para distribuidores de combustíveis no momento inicial da temporada de viagens do verão no país.

Datagro eleva estimativa de déficit global de açúcar em 2014/15. Dow Jones Newswires – Valor Econômico, Agronegócios. 26/06/2014

SÃO PAULO - A consultoria Datagro elevou sua previsão de déficit global de açúcar na safra 2014/15, que se inicia em outubro, para 2,46 milhões de toneladas. A estimativa anterior, de março, era de um déficit de 1,6 milhão de toneladas.

Segundo o presidente da consultoria, Plínio Nastari, o atual ciclo (2013/14), que se encerra em 30 de setembro, deve registrar superávit de 2,18 milhões de toneladas, o quarto consecutivo.

A previsão para a moagem de cana-de-açúcar no Centro-Sul do país também foi reduzida para 560,5 milhões de toneladas, em função da seca que atingiu as áreas produtoras no início do ano. Em março, a perspectiva era de 574,6 milhões de toneladas.

No que diz respeito a produção de etanol em 2014/15, a consultoria reduziu levemente a expectativa de 23,6 bilhões de litros em março para 23,4 bilhões de litros na divulgação desta quinta-feira.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa